

A eleição de Biden e o futuro dos investimentos dos EUA em energias renováveis diante da influência chinesa no setor

Júlia de Souza Sales

“Em breve, os Estados Unidos terão um governo que trata a crise climática como a ameaça urgente à segurança nacional que ela é” (KERRY, 2020, tradução nossa). A afirmação é de John Kerry, Secretário de Estado dos EUA de 2013 a 2017 e responsável por assinar o Acordo de Paris, em 2016. Kerry foi escolhido por Biden para exercer a função de Special Presidential Envoy for Climate, estreando a cadeira dedicada às mudanças climáticas dentro do Conselho Nacional de Segurança dos EUA (PRESIDENT-ELECT..., 2020). O posicionamento condiz com a postura de defesa ambiental que Biden adotou durante sua campanha e é parte da justificativa utilizada para defender os altos investimentos que o presidente-eleito afirma que fará em energia limpa durante seu mandato.

Nesse sentido, Biden seguirá uma estratégia diferente da adotada por Donald Trump, que retirou os Estados Unidos do Acordo de Paris afirmando que seu cumprimento custaria milhares de empregos e seria prejudicial para a economia estadunidense (NRDC, 2019). Enquanto isso, o governo de Xi Jinping promoveu fortemente o investimento em energia renovável como política de Estado e incentivou as relações multilaterais do país nesta pauta (CHINA, 2017a). Assim, se Biden cumprir as promessas de investir pesadamente na área, sua eleição irá alterar a maneira que os Estados Unidos lidarão com questões ambientais e de investimento em energia limpa, o que tende a levar a uma possível relação de rivalidade e cooperação pragmática com a China no setor.

O processo de transição energética para energia renovável concerne ao mundo todo e, conseqüentemente, influencia a forma como os Estados se projetam internacionalmente diante das respostas dadas pelos tomadores de decisão às demandas do sistema internacional. As respostas de Trump não foram positivas. Ao longo do mandato, o republicano foi responsável por enfraquecer ou anular mais de 125 políticas de proteção ao meio ambiente, além de buscar reviver a indústria do carvão nos EUA

– o que não ocorreu devido à redução da demanda do mineral diante da diminuição dos custos em energias renováveis (DENNIS et al., 2020). Por essa razão, apesar do discurso de Trump, ao afirmar, por exemplo, que “grandes moinhos de vento destroem os valores das propriedades de todos e matam todos os pássaros” (OPRYSKO, 2019, tradução nossa), ser desproporcional à importância que a energia verde está adquirindo internacionalmente, os Estados Unidos bateram recorde de investimento em energia limpa no ano de 2019 (CHESTNEY, 2020).

O governo chinês, por outro lado, tem atribuído relevância crescente às energias renováveis. Isso pode ser percebido na fala do líder chinês Xi Jinping em 2017 no Fórum Mundial de Davos, quando afirmou que o Acordo de Paris é uma conquista para o desenvolvimento mundial e de responsabilidade de todos os países para com as gerações futuras, assim como defendeu o multilateralismo na causa (CHINA, 2017b). A diferença entre a postura adotada pelos dois países também é notada ao comparar os investimentos feitos por cada um no setor: desde 2013, a China é o país com maior número de novos investimentos em energia renovável, sobretudo em energia solar e eólica – em 2019, investiu 83,4 bilhões de dólares, enquanto os EUA investiram 55,5 USD bilhões (FRANKFURT SCHOOL..., 2020, p. 25). Além disso, a China é responsável por 38% de todos os empregos do mundo em energia renovável, dos quais 2,2 milhões são apenas no setor de energia solar, contra 240 mil nos EUA (IRENA, 2020, p. 10).

Diante disso, construiu-se uma conjuntura em que a China aumentou vigorosamente sua participação no setor de energia verde. O comprometimento chinês com a pauta permitiu que o país se tornasse o principal fornecedor de insumos nessa longa transição mundial para energias renováveis, estabelecendo acordos de cooperação das empresas chinesas com a Europa, América Latina e com os países vizinhos – em 2019, o mercado chinês de instalações de energia solar correspondeu a 70% de todo o valor mundial (JÄGER-WALDAU, 2020, p. 930). Essa recente liderança em energia renovável é, em grande parte, consequência de um projeto que a China já vinha desenvolvendo diante da necessidade econômica, política, ambiental e social do país de prover segurança

energética interna (KURO, 2020, p. 6).

Contudo, ao mesmo passo em que é a maior exportadora de energia renovável do mundo, a China é o país que mais importa e financia combustíveis fósseis: a demanda por carvão, ainda que em declínio, é uma das principais fontes de energia na China. Em 2018, por exemplo, o consumo de petróleo no país foi 3,4 vezes maior que sua produção doméstica, e a dependência de importação de gás natural atingiu 45,3% (KURO, 2020). O governo de Joe Biden utilizará esse argumento para questionar e pressionar a China nos fóruns multilaterais, e, possivelmente, exigirá compromissos de responsabilidade quanto à emissão de carbono e o consumo, produção e investimento em combustíveis fósseis como requisitos para não aplicar penalidades:

Biden não permitirá que outras nações, incluindo a China, manipulem o sistema, tornando-se economias de destino para poluidores, minando nossos esforços climáticos e explorando trabalhadores e empresas americanas. [...] A China é de longe o maior emissor de carbono do mundo e, por meio de sua enorme Belt and Road Initiative, Pequim também financia anualmente bilhões de dólares em projetos de energia com combustíveis fósseis sujos na Ásia e além. Biden vai reunir uma frente unida de nações para responsabilizar a China para altos padrões ambientais em seus projetos de infraestrutura da Belt and Road Initiative para que a China não possa terceirizar a poluição para outros países (THE BIDEN..., 2020, tradução nossa).

Garantir a segurança energética é fundamental, visto que a dependência, tanto de fornecimento por outros países quanto de fontes energéticas esgotáveis, é um risco para a própria manutenção do país. As administrações de Joe Biden e de Xi Jinping reconhecem essa realidade e devem utilizá-la como justificativa, juntamente com a dos perigos das indústrias convencionais para o futuro da humanidade, para construir seus projetos nos próximos anos. Ao reconhecer as vantagens tecnológicas e de geração de emprego da China na área, Biden reconhece o atraso dos EUA nos investimentos em energia renováveis, mas defende que até 2030 a administração de seu governo “colocará os Estados Unidos de volta ao banco do motorista, tornando a América líder mundial em pesquisa de energia limpa, investimento, comercialização, manufatura e exportações” (THE BIDEN..., 2020, tradução nossa).

Essa projeção para maior investimento em energia renovável durante o governo

de Biden pode criar um cenário em que China e EUA perseguem no setor seus próprios interesses que, também, são compartilhados mundialmente e, se essa realidade se concretizar, será preciso desenvolver mecanismos de cooperação pragmática. O governo de Xi Jinping, no 19º Comitê Central do Partido Comunista da China, se comprometeu a reduzir as emissões de grandes poluentes e a melhorar o ambiente ecológico, metas que serão explicadas de forma mais específica com o lançamento do 14º Plano Quinquenal Chinês, que indicará as ações do país de 2021 a 2026 (CHINA, 2020). As discussões em torno desse novo plano da China tendem para o prosseguimento do investimento em energia verde como uma das tarefas centrais do país, aliada à promessa de neutralidade nas emissões de carbono para 2060 (MCGRATH, 2020). Biden, por sua vez, pretende que os EUA retornem ao Acordo de Paris em 2021 e que seja promulgada uma legislação durante seu governo para alcançar a neutralidade nas emissões em 2050 (THE BIDEN..., 2020).

Diante desses objetivos comuns, o democrata planeja estabelecer acordos bilaterais entre ambos os países para mitigação do carbono desde que a China elimine subsídios injustificados de produção de carvão em outros países, assim como de outros minerais que prejudiquem as metas de diminuição da emissão, incluindo as atividades do Belt and Road Initiative (THE BIDEN..., 2020). A Nova Rota da Seda é mencionada novamente pelas propostas de Biden ao afirmar que, junto aos seus parceiros, os EUA oferecerão alternativas de financiamento de projetos energéticos com baixo teor de carbono, o que se associa à sua proposta de reforma dos padrões do Fundo Monetário Internacional e dos bancos regionais de desenvolvimento quanto às prioridades de reembolso da dívida para projetos de desenvolvimento, tendo em consideração os custos das dívidas insustentáveis estabelecidas por países em parceria com a China (THE BIDEN..., 2020).

Cabe notar que a China é o principal importador de petróleo, carvão e gás natural e, além disso, é credor de geração de carvão em outros países em um cenário em que muitos bancos internacionais já não financiam esse investimento (GROSS, 2020). Apesar disso, os projetos chineses para diminuição de combustíveis poluentes permitem que, a

médio e longo prazo, as propostas de Biden coincidam com os objetivos de Xi Jinping de redução da dependência de fontes poluentes de energia. Nesse sentido, é possível que a China alavanque medidas para diminuir os financiamentos de carvão no exterior e direcione subsídios para fontes menos poluentes e de energia limpa. Tais ações poderiam favorecer tanto as relações bilaterais da China com os Estados Unidos, quanto acordos multilaterais no setor.

Quanto às alternativas ao financiamento chinês de energia cuja que Biden promete aos países da Ásia, África e Europa, é mais provável que a própria China as forneçam. O país é o maior fornecedor e consumidor de energia solar fotovoltaica, possuindo dois terços da capacidade mundial de produção de energia solar (CHINA POWER TEAM, 2020). Além disso, estima-se que 1 em cada 4 gigawatts de energia renovável mundial será gerado, até 2040, pela China (ibidem). Diante dessa capacidade chinesa, é difícil que os Estados Unidos consigam exercer a liderança que Biden afirma que buscará no setor (THE BIDEN..., 2020). Caso os Estados Unidos, de fato, invistam em sua capacidade em energias renováveis em um valor capaz de fortalecer a indústria interna e atender a demanda de outros países, o que se pode esperar é maior competitividade no setor com o mercado chinês, principalmente quando comparado ao governo Trump. Esse cenário poderia levar Xi Jinping a impulsionar projetos nacionais e internacionais ainda mais rígidos e preocupados com os impactos para o meio ambiente.

Quanto às relações diplomáticas nos organismos internacionais, também é de se esperar mais competitividade com o papel que a China vem desempenhando para promoção de ações sustentáveis. O governo Biden afirmou que irá buscar, com base nos compromissos do G7 e de instituições multilaterais de financiamento para exportação, um compromisso do G20 para acabar com os subsídios em projetos com altos índices de emissão de carbono (THE BIDEN..., 2020). Além disso, declarou que trabalhará para uma retomada da Missão de Inovação, composta por 20 países, incluindo a China, que havia sido estabelecida durante a presidência de Obama visando acelerar a inovação global de energia limpa (THE BIDEN., 2020). Nesse sentido, a promessa é que os

EUA empregarão esforços para recuperar a ênfase diplomática nesse setor, a qual foi enfraquecida por Trump, objetivando que os EUA sejam reconhecidos como uma grande potência em energia renovável, capaz de rivalizar com o potencial da China.

Essa maior competitividade pode ser positiva para o futuro das questões ambientais e dos investimentos em energia verde. Com os Estados Unidos finalmente demonstrando o interesse necessário exigido por essas causas, espera-se que mais projetos de alcance global no setor sejam desenvolvidos para buscar objetivos compartilhados por todos os países e que concernem ao futuro da humanidade. A demanda crescente da União Europeia e dos países em desenvolvimento, por exemplo, influi na necessidade constante desses países de buscar novos financiamentos e acordos por projetos que devem ser impulsionados pela China e pelos Estados Unidos, que têm responsabilidade, por seu papel na economia, de investir internamente e no exterior.

Ainda há muito que a China e os Estados Unidos precisam fazer em relação ao futuro das energias verdes. Nos últimos anos, a China construiu um aparato econômico, tecnológico e diplomático que permitiu a inserção internacional do país como o único capaz de ofertar energia renovável em quantidades que atendam a crescente demanda mundial. Entretanto, o país continua investindo em combustíveis fósseis e é o que mais emite dióxido de carbono no mundo (FRIEDLINGSTEIN et al., 2020). A eleição de Joe Biden pode significar a entrada, ainda que tardia, dos Estados Unidos na busca mundial de soluções para as mudanças climáticas, em que os possíveis investimentos que Biden poderá fazer no setor exigem entendimento com grupos empresariais, políticos e ambientais.

Ademais, é provável que Biden fortaleça a presença estadunidense em acordos multilaterais, assim como bilaterais, com a China, de transição verde. Ainda que as ambições estadunidenses sejam de liderança no setor, posição que a China vem desempenhando, os Estados Unidos e a China precisarão estabelecer relações de cooperação pragmática dada a exigência mundial de medidas climáticas. Ambos os países são agentes fundamentais para a diminuição da emissão dos gases do efeito estufa, o que exige uma conduta capaz

de apresentar soluções conjuntas às urgentes necessidades globais.

Referências

BUCKLEY, T. **Over 100 Global Financial Institutions Are Exiting Coal, With More to Come.** Lakewood, OH: Institute for Energy Economics and Financial Analysis, fev. 2019. Disponível em: http://ieefa.org/wp-content/uploads/2019/02/IEEFA-Report_100-and-counting_Coal-Exit_Feb-2019.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

CHESTNEY, N. U.S. clean energy investment hits new record despite Trump administration views. **Reuters**, London, jan. 2020. Disponível em: <https://uk.reuters.com/article/us-usa-renewables-investment/u-s-clean-energy-investment-hits-new-record-despite-trump-administration-views-idUKKBN1ZF259>. Acesso em: 23 nov. 2020.

CHINA. **13º Plano Quinquenal para o Desenvolvimento Econômico e Social-Nacional da República Popular da China.** Pequim, Agência de Notícias Xinhua, março 2017a. Disponível em: https://en.ndrc.gov.cn/policyrelease_8233/201612/P020191101482242850325.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

CHINA. Xi Jinping. **Full Text of Xi Jinping keynote at the World Economic Forum.** Davos, CGTN America, jan. 2017b. Disponível em: <https://america.cgtn.com/2017/01/17/full-text-of-xi-jinping-keynote-at-the-world-economic-forum>. Acesso em: 11 nov. 2020.

CHINA. **China proposes development targets for 14th Five-Year Plan period.** Beijing, Xinhua, out. 2020. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2020-10/29/c_139476451.htm. Acesso em: 11 nov. 2020.

CHINA POWER TEAM. How Is China's Energy Footprint Changing?. **China Power**, ago 2020. Disponível em <https://chinapower.csis.org/energy-footprint/>. Acesso em: 06 dec. 2020.

DENNIS, B.; EILPERIN, J.; MUYSKENS, J. Trump Has Rolled Back 125 Climate and Environmental Policies. It Would Take Biden Years to Restore Them. **The Washington Post**, Washington, out. 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/2020/climate-environment/trump-climate-environment-protections/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FRANKFURT SCHOOL – UNEP COLLABORATING CENTRE FOR CLIMATE & SUSTAINABLE ENERGY FINANCE. Global Trends in Renewable Energy Investment 2020. **Frankfurt School-UNEP Centre/BNEF**, jun. 2020. Disponível em: <https://www.fs-unep-centre.org/global-trends-in-renewable-energy-investment-2020/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FRIEDLINGSTEIN, P et al. Global Carbon Budget 2020. **Earth System Science Data (ESSD)**, dec 2020. Disponível em: <https://essd.copernicus.org/articles/12/3269/2020/>. Acesso em: 11 dec. 2020.

GROSS, S. **The Global Energy Trade's New Center of Gravity.** Brookings, set. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/the-global-energy-trades-new-center-of-gravity/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

IRENA. Renewable Energy and Jobs - Annual Review 2020. **International Renewable Energy**

Agency, set 2020. Disponível em: <https://www.irena.org/publications/2020/Sep/Renewable-Energy-and-Jobs-Annual-Review-2020>. Acesso em: 23 nov. 2020.

JÄGER-WALDAU, A. Snapshot of Photovoltaics—February 2020. *Energies*, v. 13, n. 4, p. 930, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1996-1073/13/4/930/htm>. Acesso em: 7 dec. 2020.

KERRY, J. F. **America will soon have a government that treats the climate crisis as the urgent national security threat it is. I'm proud to partner with the President-elect, our allies, and the young leaders of the climate movement to take on this crisis as the President's Climate Envoy.** 23 nov. 2020. Twitter: @JohnKerry. Disponível em: <https://twitter.com/JohnKerry/status/1330925522579312640?s=20>. Acesso em: 23 ago. 2020.

KUO M. A. China's Clean Energy Decline: Impact on the EU and US. **The Diplomat**, jan. 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/01/chinas-clean-energy-decline-impact-on-the-eu-and-us/>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MCGRATH, M. Climate Change: China Aims for 'Carbon Neutrality by 2060. **BBC News**, set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/science-environment-54256826>. Acesso em: 11 nov. 2020.

NRDC. **Trump Lies**. 2019. Natural Resources Defense Council. Disponível em: <https://www.nrdc.org/trump-lies>. Acesso em: 23 nov. 2020.

OPRYSKO, C. Trump was supposed to give a speech on energy. He went way off script. **Politico**, ago. 2019. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2019/08/13/donald-trump-energy-speech-pittsburgh-1461337>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PRESIDENT-ELECT Biden Announces Key Members of Foreign Policy and National Security Team. **Biden-Harris Transition**, Washington, nov. 2020. Disponível em: <https://buildbackbetter.com/press-releases/president-elect-biden-announces-key-members-of-foreign-policy-and-national-security-team/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

THE BIDEN Plan for a Clean Energy Revolution and Environmental Justice. **Joe Biden for President**: Official Campaign Website, 2020. Disponível em: <https://joebiden.com/climate-plan/>. Acesso em: 23 nov. 2020.